

6. TEMA EM ANÁLISE

Dinâmica e caracterização dos jovens não empregados que não estão em educação ou formação (NEEF) em Portugal

Sónia Torres* – Instituto Nacional de Estatística

Francisco Lima* – Instituto Superior Técnico e CEG-IST

1. Introdução

Entre os segmentos populacionais mais expostos aos efeitos no mercado de trabalho decorrentes da crise económica e financeira internacional iniciada em 2008, encontram-se os jovens, para os quais se tem observado um acréscimo mais ou menos continuado na taxa de desemprego, uma diminuição na taxa de emprego e um aumento na taxa de NEEF³.

No tema em análise das “Estatísticas do Emprego – 3º trimestre de 2013” (“Os jovens no mercado de trabalho – indicadores de medida em confronto”) procedeu-se, entre outros indicadores, à descrição da evolução do número de NEEF em Portugal e da taxa de NEEF correspondente, para vários grupos etários. Reconhecendo tratar-se de um grupo de indivíduos muito heterogéneo, procedeu-se também à análise da sua composição.

Importa agora fornecer elementos adicionais sobre a dinâmica dos NEEF, que permitam avaliar a intensidade com que, no espaço de um trimestre (ou de um ano), se entra ou se sai desse estado em Portugal. Para o efeito, e tirando partido da componente longitudinal do Inquérito ao Emprego, procedeu-se ao cálculo de transições trimestrais (e anuais) entre três estados – NEEF, educação e emprego – antes e depois do eclodir da crise.

Na secção 2 deste artigo, apresentam-se os resultados deste exercício por grupo etário.

* As opiniões expressas no Tema em análise são da inteira responsabilidade dos autores e não coincidem necessariamente com a posição do Instituto Nacional de Estatística.

³ **NEEF:** Conjunto de indivíduos jovens de um determinado grupo etário que, na semana de referência, não estavam empregados (isto é, estavam desempregados ou eram inativos), nem frequentavam qualquer atividade de educação ou formação nessa semana ou nas três semanas anteriores. Em geral, consideram-se como jovens os indivíduos dos 15 aos 24 anos, mas este indicador também é disponibilizado para grupos etários mais alargados e subgrupos destes (ex.: 15 a 34 anos ou 25 a 34 anos).

Taxa de NEEF: Taxa que permite definir a relação entre a população de jovens de um determinado grupo etário não empregados que não estão em educação ou formação e a população total de jovens do mesmo grupo etário.

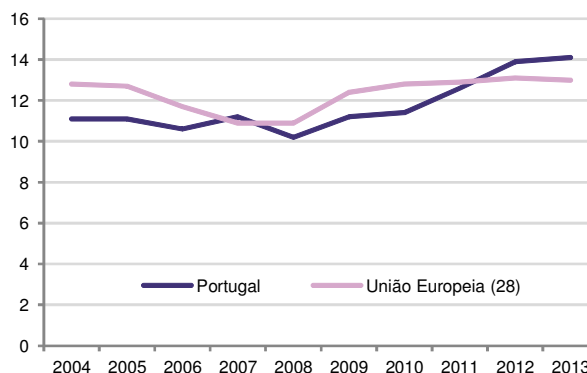
Na secção 3, o exercício é estendido, mediante a utilização de modelos de regressão logística (Logit), com vista à estimação da relação entre aquelas transições e a idade (ano a ano), controlando, simultaneamente, para algumas características dos indivíduos. Por fim, na secção 4, procurou estimar-se um modelo explicativo da relação entre a probabilidade de ser NEEF e algumas características pessoais e familiares dos indivíduos.

Em Portugal, em 2013, do total de 1 112,7 mil jovens dos **15 aos 24 anos**, 21,7% estavam empregados, 69,3% estavam a estudar e 14,1% não estavam empregados nem a estudar (NEEF) (Quadro 1, no anexo). Face a 2008, observa-se que:

- A taxa de emprego diminuiu de 34,1% para 21,7%.
- A percentagem de jovens que estavam empregados e não estavam a estudar diminuiu de 29,8% para 16,6%.
- A percentagem de jovens que estavam a estudar (empregados ou não) aumentou de 60,0% para 69,3%.
- A percentagem de jovens que não estavam empregados nem a estudar (taxa de NEEF) aumentou de 10,2% para 14,1%.
- A taxa de desemprego passou de 16,7% para 38,1%.

Portugal apresenta ainda, exceto em 2007, 2012 e 2013, taxas de NEEF inferiores à média da União Europeia: entre -1,7 pontos percentuais (p.p.), em 2004, e -0,3 p.p., em 2011 (Gráfico 1.a). Em 2013, a taxa de NEEF em Portugal era de 14,1% e a da União Europeia (28 países) era de 13,0%.

Gráfico 1.a: Taxa de NEEF (15 a 24 anos) em Portugal e na União Europeia (%)

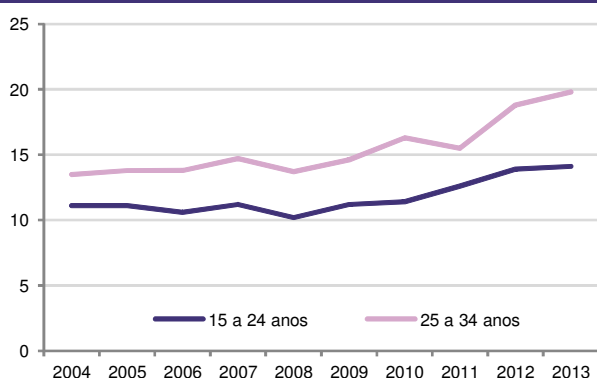


Observam-se diferenças na taxa de NEEF por sexo (14,2% para os homens e 13,9% para as mulheres, em 2013), por nível de escolaridade (12,9%, 15,1% e 16,9%, respetivamente para aqueles que completaram um nível de ensino até ao básico – 3º ciclo, secundário e pós-secundário e superior) e região de residência (com cinco das sete regiões NUTS II do país com valores acima da média nacional: Região Autónoma da Madeira (24,0%), Região Autónoma dos Açores (21,0%), Alentejo (15,8%), Lisboa (15,1%) e Algarve (14,5%)). Por fim, cerca de 2/3 dos NEEF estavam desempregados e um pouco mais de 1/3 estavam inativos (Quadro 2).

Uma vez que uma parte significativa dos estudantes universitários concluem os seus estudos após os 24 anos, é útil analisar também o comportamento da taxa de NEEF do grupo etário dos **25 aos 34 anos** (jovens adultos). Para este grupo etário, a taxa de NEEF também atingiu o seu maior valor em 2013, 19,8% (Gráfico 1.b), sendo particularmente elevada para as mulheres (21,2%) e para o subgrupo dos 25 aos 29 anos (20,8%) (Quadro 2). Ao contrário do que sucedia para os jovens, a taxa de NEEF para os jovens adultos é decrescente com a escolaridade, tomando os valores de 27,8%, 15,2% e 14,2%, respetivamente para as pessoas que completaram, no máximo, o 3º ciclo do ensino básico, o ensino secundário e pós-secundário e o ensino superior. As mesmas cinco regiões, com exceção de Lisboa e às quais se junta o Norte, registam valores acima da média. Por fim, também se observa que mais de 2/3 dos NEEF jovens adultos estavam desempregados e menos de 1/3 estavam inativos.

Em geral, para todos os segmentos populacionais considerados, a taxa de NEEF dos jovens adultos (25 a 34 anos) é superior à taxa de NEEF dos mais jovens (15 a 24 anos).

Gráfico 1.b: Taxa de NEEF de jovens (15 a 24 anos) e de jovens adultos (25 a 34 anos) em Portugal (%)



2. Taxas de transição por grupo etário

Nesta secção, tirando partido da componente longitudinal do Inquérito ao Emprego, analisam-se as taxas de transição dos indivíduos entre dois trimestres consecutivos e dois trimestres homólogos (taxas de transição trimestrais e anuais, respetivamente) de e para o estado de NEEF.

Para o efeito, fez-se uso das amostras de alojamentos comuns a dois trimestres consecutivos (cerca de 5/6 da amostra total), no primeiro caso, e das amostras de alojamentos comuns a dois trimestres homólogos (cerca de 1/6), no segundo. Note-se que as estimativas das taxas de transição trimestrais, sendo calculadas com subamostras maiores, são mais fiáveis do que as estimativas das taxas de transição anuais.

As transições foram calculadas entre os seguintes estados (não mutuamente exclusivos), salvo indicação em contrário no texto de análise dos resultados: NEEF (não empregados – desempregados ou inativos – que também não são estudantes, cf. definição da Nota 3), EMPREGO (empregados, independentemente de estarem a estudar ou não) e ESCOLA (estudantes, independentemente de estarem empregados ou não).

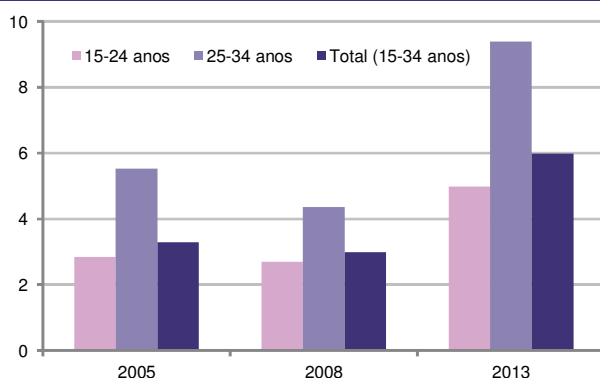
A análise foi conduzida para o total de indivíduos e por grupo etário. Considerou-se o grupo etário alargado, dos 15 aos 34 anos, para tornar evidentes as diferenças por idade (analisadas com maior detalhe na secção 3).

2.1. Taxas de transição trimestrais

No Gráfico 2.a, apresenta-se a taxa de transição das pessoas empregadas num trimestre (trimestre $t-1$) que se tornaram NEEF no trimestre seguinte (trimestre t), por grupo etário. Os períodos em confronto são os seguintes:

- O ano completo mais recente disponível: 2013 (média das quatro transições trimestrais observadas do 4º trimestre de 2012 ao 4º trimestre de 2013).
- O período anterior ao eclodir da crise económica e financeira: 2008 (média das quatro transições trimestrais observadas do 4º trimestre de 2007 ao 4º trimestre de 2008).
- O período de início da disponibilização de dados sobre educação e formação nos moldes atuais (2004) e que, simultaneamente, permite comparabilidade entre as transições trimestrais e as transições anuais: 2005 (média das quatro transições trimestrais observadas do 4º trimestre de 2004 ao 4º trimestre de 2005).

No Gráfico 2.b, apresenta-se a taxa de transição das pessoas que estavam a estudar (educação formal ou não) num trimestre (trimestre $t-1$) que se tornaram NEEF no trimestre seguinte (trimestre t), também por grupo etário.

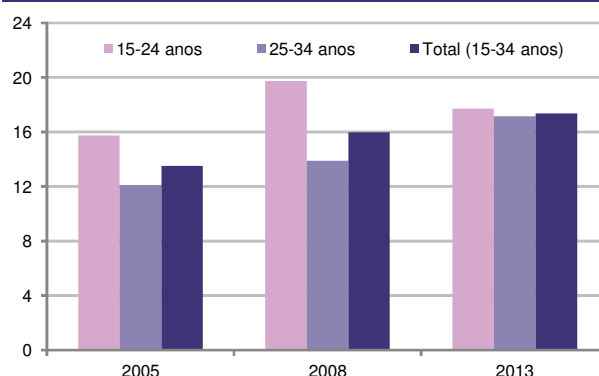
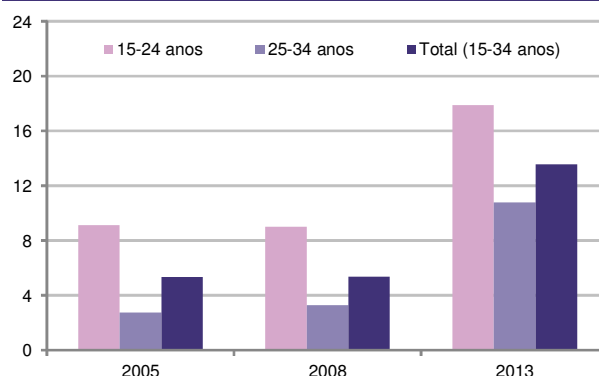
Gráfico 2.a: Taxa de transição trimestral (%) do EMPREGO para NEEF, por grupo etário**Gráfico 2.b: Taxa de transição trimestral (%) da ESCOLA para NEEF, por grupo etário**

O Gráfico 2.a permite concluir que a taxa de transição trimestral do emprego para NEEF diminui com a idade (ver também Quadro 4). Este resultado deve-se, provavelmente, ao facto de os empregos temporários estarem essencialmente concentrados entre os mais jovens. Este resultado sugere também a existência de uma percentagem não negligenciável de jovens que experimentam um período de não trabalho e não educação após terminar um episódio de emprego. Em média, em 2013, cerca de 8,0% dos jovens com idade dos 15 aos 24 anos que estavam empregados tornaram-se NEEF no trimestre seguinte (9,1% se nos restringirmos ao grupo etário dos 15 aos 19 anos). Esta percentagem desce para 4,0% para os jovens adultos (25 aos 34 anos) e para 3,9% se nos restringirmos ao grupo etário dos 30 aos 34 anos. Em 2008, ambas as taxas de transição (jovens e jovens adultos) eram muito inferiores (4,5% e 1,8%, respetivamente), tal como em 2005 (3,2% e 2,1%, respetivamente).

A taxa de transição trimestral da escola para NEEF, por seu turno, aumenta com a idade (Gráfico 2.b e Quadro 4). Em 2013, cerca de 5,0% dos jovens com idade dos 15 aos 24 anos que estavam a estudar tornaram-se NEEF no trimestre seguinte. Mais, 3,2% tornaram-se empregados – não estudantes, neste caso – e 91,8% continuaram a estudar no trimestre seguinte, indicando que a taxa de

transição para o emprego é menor do que a taxa de transição para NEEF, entre os *early school leavers*. Aquela percentagem aumenta para 9,4% entre os jovens adultos dos 25 aos 34 anos. Em 2008, ambas as taxas de transição eram muito inferiores (2,7% e 4,4%, respetivamente), tal como em 2005 (2,8% e 5,5%, respetivamente). Note-se que se restringirmos a análise aos mais novos (15 aos 19 anos), as taxas são ainda menores (3,4% em 2013, 1,7% em 2008 e 2,4% em 2005), provavelmente devido ao custo de oportunidade reduzido de estar a estudar.

Nos Gráficos 3, apresenta-se a taxa de saída da situação de NEEF, entre o trimestre t e o trimestre $t-1$, para o emprego (3.a) ou para a escola (3.b), também por grupo etário. Note-se que ser NEEF é um estado algo persistente em Portugal. Em 2013, 67,0% dos jovens NEEF num trimestre mantiveram-se nesse estado no trimestre seguinte (72,2% em 2008 e 76,0% em 2005). Para os jovens adultos, aquelas percentagens eram de 71,2%, 81,1% e 83,0%, respetivamente para 2013, 2008 e 2005.

Gráfico 3.a: Taxa de transição trimestral (%) de NEEF para EMPREGO, por grupo etário**Gráfico 3.b: Taxa de transição trimestral (%) de NEEF para ESCOLA, por grupo etário**

No Gráfico 3.a, observa-se que a taxa de transição de NEEF para o emprego diminuiu com a idade, sendo, em 2013, de 17,7% para os jovens dos 15 aos 24 anos e de 17,1% para os dos 25 aos 34 anos. Verifica-se, no

entanto, que as taxas de transição de NEEF para emprego são maiores entre os subgrupos dos 20 aos 24 anos (19,3%) e dos 25 aos 29 anos (17,6%) – muito acima do observado para os mais jovens, dos 15 aos 19 anos (13,1%). A maior probabilidade dos jovens daqueles dois subgrupos etários encontrarem emprego pode refletir uma maior educação, experiência ou ambas, face aos mais jovens. Também pode refletir a maior propensão dos NEEF mais jovens para começarem novos programas de educação, como se observa no Gráfico 3.b.

Ainda assim, e à parte das diferenças reportadas entre grupos etários, em 2013, menos do que um em cada cinco NEEF transitou para o emprego no espaço de um trimestre. Em relação a períodos anteriores, verifica-se que a referida taxa de transição para os mais jovens (15 a 24 anos) é inferior à registada em 2008 (19,7%), mas superior à observada em 2005 (15,7%) e que a taxa de transição para os jovens adultos (25 a 34 anos) é superior à registada em 2008 (13,9%) e em 2005 (12,1%), pelo que a situação só piorou para os mais jovens.

Em 2013, 17,9% dos jovens NEEF (15 a 24 anos) transitaram para a escola (Gráfico 3.b). Esta percentagem é particularmente elevada entre os mais jovens, dos 15 aos 19 anos (26,6%), quando comparada com a dos 20 aos 24 anos (14,5%) ou mesmo com a dos jovens adultos (25 a 34 anos; 10,8%). Esta evidência sugere que os jovens que não seguiram para o ensino secundário após a conclusão do ensino básico têm uma menor probabilidade de voltar à escola após um período como NEEF. Esta circunstância, conjugada com uma menor probabilidade de encontrar trabalho, resulta numa percentagem de NEEF dos 20 aos 24 anos com nível de escolaridade completo até ao 3º ciclo do ensino básico que aumentou de 18,3% em 2008 para 32,6% em 2013 (Quadro 3).

Face a 2008, observou-se um aumento nas taxas de transição de NEEF para a escola em todos os grupos etários, sobretudo nos jovens dos 15 aos 24 anos (de 9,0% em 2008 para 17,9% em 2013) e, em particular, dos 15 aos 19 anos (de 11,7% em 2008 para 26,6% em 2013) (Quadro 4).

2.2. Taxas de transição anuais

O exercício realizado no ponto anterior foi repetido para a obtenção das taxas de transição anuais, isto é, taxas de transição entre o trimestre $t-4$ (o trimestre homólogo do ano anterior) e o trimestre t , por grupo etário, para os mesmos períodos.

As conclusões que se podem extrair sobre as taxas de transição anuais para NEEF (do emprego ou da educação) e as taxas de saída de NEEF (para o emprego ou a educação), são genericamente as mesmas que se obtiveram da leitura dos gráficos 2 e 3, quer em termos do comportamento por grupo etário, quer da evolução temporal de 2005 a 2013. As diferenças residem nos

níveis das taxas, os quais, dada a consideração de um período de observação mais alargado, são naturalmente maiores.

Por exemplo, em 2013, para os jovens (15 a 24 anos), tem-se que:

- a taxa de transição anual do emprego para NEEF é de 12,5% (a taxa de transição trimestral era de 8,0%);
- a taxa de transição anual da escola para NEEF é de 8,9% (era de 5,0%);
- a taxa de transição anual de NEEF para o emprego é de 26,6% (era de 17,7%);
- a taxa de transição anual de NEEF para a escola é de 21,7% (era de 17,9%);
- a taxa de saída de NEEF (para o emprego ou a escola) é de 44,4% (era de 33,0%);

e para os jovens adultos (25 a 34 anos), tem-se que:

- a taxa de transição anual do emprego para NEEF é de 7,2% (era de 4,0%);
- a taxa de transição anual da escola para NEEF é de 13,8% (era de 9,4%);
- a taxa de transição anual de NEEF para o emprego é de 30,1% (era de 17,1%);
- a taxa de transição anual de NEEF para a escola é de 11,8% (era de 10,8%);
- a taxa de saída de NEEF (para o emprego ou a escola) é de 46,7% (era de 28,8%);

3. Probabilidades de transição condicionais por idade

Com o objetivo de descrever a relação da idade (ano a ano) com cada uma das transições analisadas na secção anterior, mas controlando também para um conjunto de características dos jovens e dos jovens adultos (sexo, nível de escolaridade e região de residência), estimou-se a probabilidade de transição (condicional) em função da idade. Foram consideradas as transições entre trimestres consecutivos de um determinado ano (2005, 2008 e 2013) do emprego ou da escola para NEEF e de NEEF para o emprego ou para a escola (consultar a nota técnica, página 41).

A probabilidade de transição condicional do emprego para NEEF é decrescente com a idade (Gráfico 4.a), como se havia já observado pela análise das taxas de transição incondicionais na secção 2. Em 2013, a probabilidade de um jovem de 15 anos perder o emprego e passar para NEEF era de 13%, decrescendo para 4% nos jovens adultos acima dos 30 anos. Esta diminuição era de esperar, refletindo as elevadas taxas de desemprego dos jovens, especialmente dos que têm menor escolaridade. Comparando com 2008, a crise revela-se pelo aumento da probabilidade de transição para NEEF em todas as idades, em aproximadamente +4 p.p..

A probabilidade transição da escola para NEEF, em 2013, pelo contrário, é crescente com a idade – próxima de zero para os jovens de 15 anos entre os 5% e os 10% por volta dos 20 anos (Gráfico 4.b). A probabilidade de passagem para NEEF continua a crescer quase linearmente até 36%, quando o jovem completa os 34 anos. Para os mais velhos, estes resultados devem ser lidos com reserva, pois trata-se de grupos pequenos com a inerente menor precisão das estimativas. As estimativas obtidas revelam também um agravamento substancial da situação dos jovens, face a 2008, onde o aumento com a idade da probabilidade de saída da escola para a inatividade ou o desemprego era muito mais suave.

Gráfico 4.a: Probabilidade de transição trimestral condicional do EMPREGO para NEEF, por idade

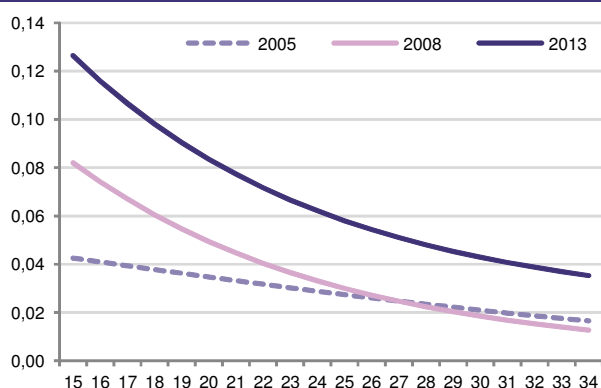
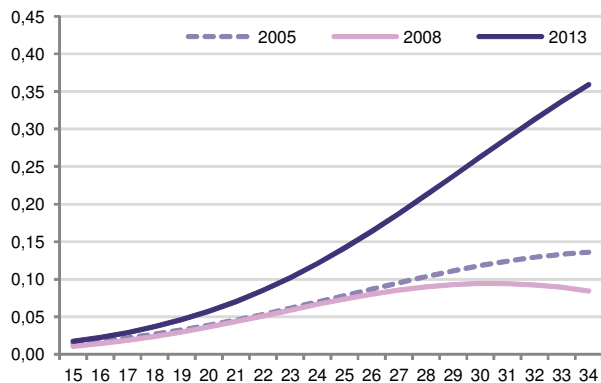


Gráfico 4.b: Probabilidade de transição trimestral condicional da ESCOLA para NEEF, por idade



A probabilidade de sair do estado de NEEF e encontrar um emprego aumenta com a idade até aos 25 anos, mas decresce a partir dos 26 anos (Gráfico 5.a). Os mais jovens, uma vez NEEF, têm uma probabilidade de transição para o emprego inferior a 15% até aos 18 anos, subindo para 18% aos 26 anos. Esta maior probabilidade é explicada, em parte, pela existência de NEEF com cursos superiores, com melhores perspectivas de encontrar emprego. A partir desta idade, a situação volta a deteriorar-se – os jovens adultos, uma vez sem emprego e sem estar a estudar, têm uma grande dificuldade em sair desse estado. Comparando com 2008, piorou a situação dos jovens até aos 24 anos, mas

melhorou para os mais velhos. Com efeito, em 2013, os mais jovens, com menor escolaridade e experiência profissional, pioraram as suas perspectivas no mercado de trabalho.

A probabilidade de transição dos jovens NEEF de volta para a escola é elevada (Gráfico 5.b) – 45% para os jovens com 15 anos e próximo de 20% para os jovens com 20 anos. Apesar da probabilidade de transição ter aumentado para todas as idades relativamente a 2008, foi no grupo dos mais jovens que o aumento foi mais pronunciado – acima dos 20 p.p. para os 15 e 16 anos e sempre acima dos 10 p.p. até aos 20 anos. Aparentemente, com o piorar das condições no mercado de trabalho entre 2008 e 2013, diminuíram as perspectivas de encontrar emprego, sendo a escola uma melhor alternativa para os jovens.

Gráfico 5.a: Probabilidade de transição trimestral condicional de NEEF para EMPREGO, por idade

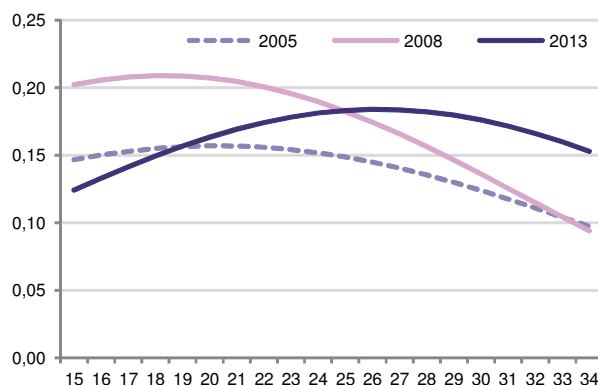
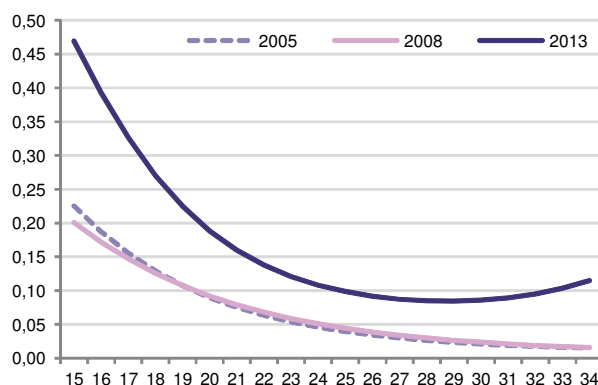


Gráfico 5.b: Probabilidade de transição trimestral condicionada de NEEF para a ESCOLA, por idade



4. A relação entre a probabilidade de ser NEEF e as características sociodemográficas dos jovens e dos jovens adultos

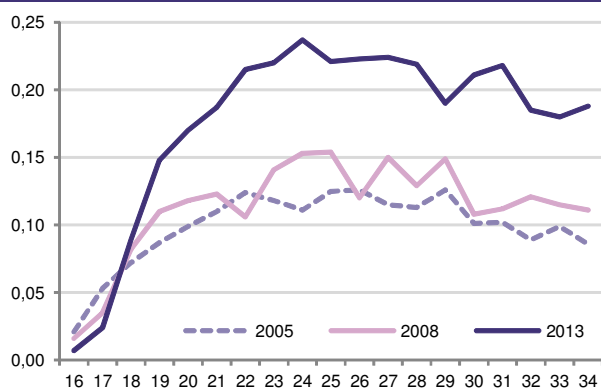
Em análises anteriores⁴, foi possível observar que os jovens (15 a 24 anos) e os jovens adultos (25 a 34 anos)

⁴ Veja-se o tema em análise “Os jovens no mercado de trabalho – indicadores de medida em confronto” publicado nas “Estatísticas do Emprego – 3º trimestre de 2013” (pág. 35-50).

NEEF constituem grupos muito heterogéneos. Com o objetivo de conhecer melhor os jovens (e os jovens adultos) NEEF e como eles se compararam com os restantes jovens (não NEEF), estimou-se a probabilidade de cada jovem ser NEEF em cada ano e a relação dessa probabilidade com um conjunto de características sociodemográficas (consultar a nota técnica, página 41). Os resultados (Quadros 5 a 7) devem ser lidos como uma aproximação à relação isolada de cada uma das características com a probabilidade de ser NEEF, quando se controla para todas as outras características do jovem. Como anteriormente, apresentam-se as estimativas para os anos de 2005 e 2008, para além de 2013, o último ano disponível.

A probabilidade de ser NEEF cresce acentuadamente com a idade (Gráfico 6). Quando o jovem completa os 18 anos, a sua probabilidade de ser NEEF aumentou 9 p.p. relativamente à mesma probabilidade quando tinha 15 anos. Aos 19 anos, aumentou 15 p.p.. Quando chega aos 24 anos, o aumento de probabilidade é de 24 p.p., mantendo-se acima dos 20 p.p. até aos 30/31 anos. Comparando com 2008, o início da crise atual, verifica-se um aumento da probabilidade de ser NEEF em todas as idades, especialmente a partir dos 19 anos (+4 p.p.), coincidindo com a saída do ensino secundário. Este aumento da probabilidade de ser NEEF de 2008 para 2013 é crescente até aos 22 anos, duplicando nesta idade (+11 p.p.). A partir dos 22 anos, o aumento não é tão acentuado, mas ainda assim com uma média de +8 p.p.. A comparação com 2005 revela resultados semelhantes, ainda que com diferenças para 2013 mais marcadas.

Gráfico 6: Probabilidade de ser NEEF por idade (efeitos marginais regressão Logit)



Aos jovens adultos do sexo feminino está associada uma maior probabilidade de serem NEEF (+6 p.p., em relação aos do sexo masculino) (Quadro 7). Para os jovens, as diferenças por sexo não são significativas (Quadro 6).

Quando se comparam os jovens pelo nível de escolaridade completo, verifica-se que ter apenas o 3º ciclo do ensino básico (9º ano) está associado a uma maior probabilidade de ser NEEF, quando comparado com aqueles que completaram um curso superior

(categoria base) – a probabilidade aumenta em 8 p.p. no ano de 2013 (4 p.p. em 2005 e 5 p.p. em 2008) (Quadro 5). O nível secundário e pós-secundário não traz diferenças significativas em 2013 relativamente ao curso superior. No entanto, os jovens dos 15 aos 24 anos com o secundário ou pós-secundário têm uma vantagem, pois a probabilidade de ser NEEF diminui 2 p.p., o que reflete a diferença na experiência profissional, dado que os jovens que completaram um curso superior estão ainda a dar os primeiros passos de integração no mercado de trabalho (Quadro 6). Esta vantagem, no entanto, diminui face a 2008 e a 2005. Nos jovens adultos (25 a 34 anos), é de assinalar a grande desvantagem daqueles que apenas têm o 9º ano: aumento de 12 p.p. na probabilidade de ser NEEF, comparando com os níveis de escolaridade mais elevados, desvantagem que se acentuou face a 2008 e a 2005 (Quadro 7).

Relativamente às características familiares, os jovens adultos (25 a 34 anos) que ainda vivem com os pais têm uma maior probabilidade de ser NEEF (em 6 p.p.) e esta associação negativa aumentou desde 2008. Não existem diferenças significativas para os jovens dos 15 aos 24 anos. Quando o jovem ou o jovem adulto vive com uma família monoparental, adiciona 3 p.p. à probabilidade de ser NEEF. Os jovens, se forem casados (ou em união de facto), têm uma maior probabilidade de ser NEEF – mais 9 p.p. face aos solteiros em 2013. O estado civil não tem uma relação significativa com o facto de ser NEEF para os jovens adultos.

Se existir algum elemento do agregado familiar desempregado, então é mais provável que o jovem seja um NEEF (7 p.p.). Esta relação piora em 2 p.p. quando se trata de um jovem adulto. Em sentido contrário, quanto maior a escolaridade média da família, menor a probabilidade de ser NEEF (menos 1 p.p. por ano adicional de escolaridade). Esta relação é mais forte para os jovens do que para os jovens adultos.

Por fim, existem diferenças regionais significativas na probabilidade de ser NEEF. Comparando com Lisboa, é menos provável ser NEEF nas regiões do Centro (-3 p.p.) e do Norte (-1 p.p.). A região do Alentejo não apresenta diferenças significativas face a Lisboa na probabilidade de ser NEEF. Nas restantes regiões, observam-se maiores probabilidades do que em Lisboa: Algarve (+ 2 p.p.), Região Autónoma da Madeira (+3 p.p.) e Região Autónoma dos Açores (+5 p.p.). A diferença face a Lisboa nestas duas últimas regiões aumentou quando comparada com 2008.

5. Conclusão

A análise conduzida permite concluir que a taxa de transição trimestral (e também a probabilidade condicional) do emprego para NEEF diminui com a idade e que a taxa de transição da escola para NEEF aumenta com a idade.

Em média em 2013, 8,0% dos jovens empregados e 4,0% dos jovens adultos empregados tornaram-se NEEF no trimestre seguinte. Por seu turno, 5,0% dos jovens estudantes e 9,4% dos jovens adultos estudantes tornaram-se NEEF no trimestre seguinte.

Relativamente às saídas da situação de NEEF, observa-se que a taxa de transição trimestral (e também a probabilidade condicional) de NEEF para o emprego e de NEEF para a escola diminuem com a idade.

Em média em 2013, 17,7% dos jovens NEEF e 17,1% dos jovens adultos NEEF tornaram-se empregados no trimestre seguinte, enquanto 17,9% dos jovens NEEF e 10,8% dos jovens adultos NEEF voltaram para a escola no trimestre seguinte.

Face a 2005 e a 2008, verifica-se que as transições para NEEF (do emprego ou da escola) aumentaram, mas que também aumentaram as saídas de NEEF (para o emprego ou a escola), o que levou a uma diminuição da taxa de permanência neste estado, ainda assim muito elevada. Com efeito, em média em 2013, no decurso de um trimestre, apenas 33,0% dos jovens dos 15 aos 24 anos deixam de ser NEEF (isto é, 67,0% mantiveram-se nesse estado). No decurso de um ano, aquela percentagem aumenta para apenas 44,4%. Entre os jovens adultos, aquelas percentagens são de 28,8% e 46,7%, respetivamente.

Note-se, no entanto, que em 2013 as taxas de NEEF foram superiores às de 2008 nos dois grupos etários: 14,1% e 10,2%, respetivamente, para os jovens dos 15 aos 24 anos; 19,8% e 13,7%, respetivamente, para os jovens adultos.

A permanência na situação de NEEF constitui um obstáculo ao processo de acumulação de capital humano (realizado na escola ou no trabalho), que é levado a cabo essencialmente nestes grupos etários, limitando-lhes as perspetivas de melhoria da sua situação. Por esta razão, estes jovens são muito vulneráveis aos efeitos da crise económica e financeira, que vão ser duradouros ao longo da sua vida.

Por fim, foi ainda possível identificar os subgrupos populacionais cujas condições sociodemográficas estão associadas a uma maior probabilidade de ser NEEF. São os jovens ou os jovens adultos com menor nível de escolaridade, ainda a viver com os pais, principalmente em famílias monoparentais, casados (se pertencerem ao grupos dos 15 aos 24 anos), em que algum elemento do agregado está desempregado e com menor escolaridade média da família. Estas condições justificam a preocupação adicional com estes jovens, que extravasam as questões do desemprego ou das baixas qualificações, comuns a outros grupos etários. Os jovens NEEF têm uma elevada probabilidade de pertencerem a famílias desfavorecidas, com problemas de baixas qualificações para o mercado de trabalho – menores níveis de escolaridade e menor empregabilidade – e de viverem,

eles próprios, em ambientes socioeconómicos mais desfavorecidos: jovens que casam cedo, vivem só com o pai ou a mãe (pais divorciados ou famílias monoparentais de origem) ou que são obrigados a viver com os pais dada a sua condição de ausência de rendimento do trabalho.

Nota técnica

As probabilidades de transição de e para NEEF, apresentadas na **secção 3**, foram obtidas a partir de uma regressão logística (Logit). O objetivo foi o de saber como varia a probabilidade de transição com a idade do jovem (ano a ano), controlando também para um conjunto de características individuais e familiares. Foram estimados quatro modelos em separado para cada uma das transições possíveis: de NEEF para o emprego ou para a escola e de cada um destes estados para NEEF. Procurou-se identificar transições líquidas, implicando que, quando a pessoa estava empregada e a estudar, se tenha considerado como estado prevalente o emprego. Ou seja, na escola estão os inativos e os desempregados (mas não os empregados, opção diferente da indicada na secção 2) que responderam no Inquérito ao Emprego estar a frequentar um nível de ensino ou formação (). Quanto à relação com a idade, foram testadas várias especificações e a que pareceu descrever melhor os dados foi uma função quadrática. As variáveis de controlo utilizadas foram o sexo, o nível de escolaridade e a região de residência (NUTS II). Nas estimações consideraram-se os ponderadores do trimestre de chegada. Para cada jovem ou jovem adulto i , a probabilidade de cada uma das transições $k = (\text{EMPREGO-NEEF}, \text{ESCOLA-NEEF}, \text{NEEF-EMPREGO} \text{ e } \text{NEEF-ESCOLA})$ foi estimada em separado segundo a equação:

$$Pr(\text{transição } k_i = 1 | \mathbf{x}_{1i}) = F(\mathbf{x}_{1i}\beta)$$

onde $F(z) = \exp(z)/(1+\exp(z))$ é a função logística cumulativa e $\mathbf{x}_{1i}$ é o vetor de variáveis explicativas mencionadas acima para a estimação da probabilidade de transição entre os estados considerados.

As probabilidades de ser NEEF, analisadas na **secção 4**, resultam, igualmente, da estimação um modelo Logit. A variável dependente toma o valor um quando a pessoa é identificada como NEEF e zero quando não o é. O objetivo foi o de descrever a variação da probabilidade de ser NEEF associada a cada uma das características dos jovens e dos jovens adultos, bem como do contexto familiar em que se inserem, incluídas como variáveis independentes, para além da idade: sexo, nível de escolaridade, estado civil, se vive com os pais, se a família é monoparental, se existe pelo menos um membro do agregado desempregado (excluindo o próprio) e a escolaridade média (em anos) do agregado familiar (também excluindo o próprio). Para as variáveis explicativas que foram definidas como variáveis *dummy*

com mais do que uma categoria (idade, nível de escolaridade e região de residência NUTS II), as classes de comparação (categorias base) foram as seguintes: 15 anos, ensino superior e Lisboa. As estimativas foram obtidas para cada ano em estudo (2005, 2008 e 2013), considerando os ponderadores trimestrais anualizados, como é prática na obtenção de estimativas anuais no Inquérito ao Emprego. A probabilidade do jovem ou jovem adulto i ser NEEF em cada ano foi estimada a partir da seguinte equação:

$$Pr(NEEF_i = 1 / \mathbf{x}_{2i}) = F(\mathbf{x}_{2i}\boldsymbol{\theta})$$

onde $F(z) = \exp(z)/(1+\exp(z))$ é a função logística cumulativa e $\mathbf{x}_{2i}$ é o vetor de variáveis explicativas mencionadas acima para o caso da estimação da probabilidade da pessoa ser ou não NEEF.

6. Anexo

Quadro 1: População dos 15 aos 34 anos por grupo etário e condição perante o trabalho, estudante e não estudante, em 2004, 2008 e 2013

	Unidade	2004			2008			2013		
		Total	Estudante	Não estudante	Total	Estudante	Não estudante	Total	Estudante	Não estudante
População total (15-24 anos)		1 319,9	746,9	573,0	1 198,4	719,3	479,2	1 112,7	771,1	341,6
População ativa	Milhares de indivíduos	570,2	68,9	501,3	490,1	63,8	426,2	389,5	101,6	287,8
População empregada		482,2	56,4	425,8	408,4	51,8	356,6	241,1	56,1	185,0
População desempregada		88,0	12,5	75,6	81,7	12,0	69,6	148,4	45,6	102,8
População inativa		749,7	678,1	71,6	708,4	655,4	53,0	723,2	669,5	53,8
Taxa de desemprego	%	15,4	18,1	15,1	16,7	18,8	16,3	38,1	44,8	35,7
Taxa de emprego		36,5	7,6	74,3	34,1	7,2	74,4	21,7	7,3	54,2
População total (25-34 anos)		1 617,3	154,4	1 463,0	1 557,1	171,1	1 386,0	1 292,6	230,3	1 062,4
População ativa	Milhares de indivíduos	1 435,7	98,5	1 337,2	1 400,0	114,8	1 285,2	1 162,5	177,0	985,5
População empregada		1 332,1	87,6	1 244,5	1 277,6	104,9	1 172,7	941,7	134,9	806,8
População desempregada		103,6	10,9	92,7	122,3	9,8	112,5	220,7	42,0	178,7
População inativa		181,6	55,9	125,7	157,1	56,3	100,8	130,2	53,3	76,9
Taxa de desemprego	%	7,2	11,1	6,9	8,7	8,6	8,8	19,0	23,8	18,1
Taxa de emprego		82,4	56,7	85,1	82,1	61,3	84,6	72,9	58,6	75,9

Quadro 2: Jovens (15-24 anos) e jovens adultos (25-34 anos) não empregados que não estão em educação ou formação, em 2004, 2008 e 2013

	2004			2008			2013		
	Número	Taxa	Distribuição	Número	Taxa	Distribuição	Número	Taxa	Distribuição
	10 ³ ind.	%	%	10 ³ ind.	%	%	10 ³ ind.	%	%
Total (15-24 anos)	147,2	11,1	100,0	122,6	10,2	100,0	156,6	14,1	100,0
Homens	69,0	10,3	46,9	54,4	8,9	44,4	80,0	14,2	51,1
Mulheres	78,2	12,0	53,1	68,2	11,6	55,6	76,5	13,9	48,9
15-19 anos	56,4	9,4	38,3	41,1	7,1	33,5	40,0	7,3	25,5
20-24 anos	90,8	12,6	61,7	81,5	13,2	66,5	116,5	20,6	74,4
Até ao básico 3º ciclo	115,1	12,8	78,2	85,7	11,0	69,9	79,0	12,9	50,4
Secundário e pós-secundário	23,4	6,2	15,9	25,0	7,0	20,4	60,9	15,1	38,9
Superior	8,7	16,9	5,9	11,8	20,2	9,6	16,6	16,9	10,6
Norte	59,6	11,9	40,5	44,4	9,9	36,2	58,5	14,1	37,4
Centro	21,8	7,6	14,8	19,2	7,6	15,7	22,9	9,7	14,6
Lisboa	37,9	11,8	25,7	32,5	11,0	26,5	41,9	15,1	26,8
Alentejo	11,8	13,2	8,0	8,5	10,7	6,9	11,5	15,8	7,3
Algarve	5,2	10,4	3,5	6,8	14,3	5,5	6,5	14,5	4,2
Região Autónoma da Madeira	6,0	15,2	4,1	6,0	16,6	4,9	8,3	24,0	5,3
Região Autónoma dos Açores	4,9	13,0	3,3	5,1	14,3	4,2	6,9	21,0	4,4
Desemprego	75,6	85,8	51,4	69,6	85,3	56,8	102,8	69,3	65,6
Inatividade	71,6	5,8	48,6	53,0	4,7	43,2	53,8	5,6	34,4
Total (25-34 anos)	218,4	13,5	100,0	213,3	13,7	100,0	255,6	19,8	100,0
Homens	75,8	9,4	34,7	72,3	9,4	33,9	116,0	18,3	45,4
Mulheres	142,6	17,6	65,3	141,0	17,9	66,1	139,6	21,2	54,6
25-29 anos	108,5	13,3	49,7	106,3	14,6	49,8	123,4	20,8	48,3
30-34 anos	109,9	13,8	50,3	107,0	12,9	50,2	132,1	18,9	51,7
Até ao básico 3º ciclo	169,4	17,5	77,6	145,4	17,5	68,2	138,7	27,8	54,3
Secundário e pós-secundário	26,2	7,5	12,0	33,8	9,2	15,8	61,7	15,2	24,1
Superior	22,8	7,7	10,4	34,1	9,4	16,0	55,2	14,2	21,6
Norte	88,3	15,1	40,4	87,0	15,8	40,8	91,6	20,0	35,8
Centro	40,0	11,9	18,3	40,0	12,4	18,8	46,0	17,3	18,0
Lisboa	54,9	12,4	25,1	46,9	10,9	22,0	64,9	18,3	25,4
Alentejo	14,3	13,5	6,5	15,7	15,1	7,4	20,1	23,3	7,9
Algarve	7,6	11,9	3,5	9,6	14,4	4,5	12,9	23,5	5,0
Região Autónoma da Madeira	7,6	19,5	3,5	6,8	16,7	3,2	9,8	26,1	3,8
Região Autónoma dos Açores	5,7	13,8	2,6	7,4	17,3	3,5	10,3	28,8	4,0
Desemprego	92,7	89,5	42,4	112,5	92,0	52,7	178,7	81,0	69,9
Inatividade	125,7	8,3	57,6	100,8	7,0	47,3	76,9	7,2	30,1

Quadro 3: Jovens (15-24 anos) não empregados que não estão em educação ou formação por grupo etário, sexo e nível de escolaridade mais elevado completo, em 2004, 2008 e 2013

		2004				2008				2013			
		Total	Até ao básico - 3º ciclo	Secundário e pós-secundário	Superior	Total	Até ao básico - 3º ciclo	Secundário e pós-secundário	Superior	Total	Até ao básico - 3º ciclo	Secundário e pós-secundário	Superior
		Número de indivíduos (milhares)											
15-24 anos	HM	147,2	115,1	23,4	8,7	122,6	85,7	25,0	11,8	156,6	79,0	60,9	16,6
	H	69,0	58,9	8,8	1,3	54,4	42,9	8,6	3,0	80,0	46,8	28,3	4,9
	M	78,2	56,2	14,6	7,4	68,2	42,9	16,5	8,9	76,5	32,2	32,6	11,8
15-19 anos	HM	56,4	51,1	5,3	-	41,1	34,3	6,8	-	40,0	23,9	16,1	-
	H	27,0	25,6	1,4	-	22,3	19,6	2,7	-	22,4	15,3	7,1	-
	M	29,4	25,5	3,9	-	18,9	14,7	4,1	-	17,6	8,6	9,0	-
20-24 anos	HM	90,8	64,0	18,1	8,7	81,5	51,4	18,3	11,8	116,5	55,1	44,8	16,6
	H	42,0	33,3	7,5	1,3	32,1	23,3	5,9	3,0	57,6	31,6	21,2	4,9
	M	48,8	30,8	10,6	7,4	49,3	28,1	12,3	8,9	58,9	23,5	23,6	11,8
		Taxa (%)											
15-24 anos	HM	11,1	12,8	6,2	16,9	10,2	11,0	7,0	20,2	14,1	12,9	15,1	16,9
	H	10,3	11,8	5,6	9,8	8,9	10,0	5,2	17,5	14,2	13,9	14,6	14,3
	M	12,0	14,2	6,7	19,3	11,6	12,1	8,5	21,3	13,9	11,7	15,6	18,4
15-19 anos	HM	9,4	9,6	7,6	-	7,1	6,9	8,5	-	7,3	5,4	15,3	-
	H	8,8	9,0	6,0	-	7,5	7,5	7,9	-	8,0	6,6	15,3	-
	M	10,0	10,3	8,5	-	6,6	6,2	8,8	-	6,6	4,1	15,4	-
20-24 anos	HM	12,6	17,6	5,9	16,9	13,2	18,3	6,5	20,2	20,6	32,6	15,0	16,9
	H	11,5	15,4	5,5	9,8	10,2	14,1	4,5	17,6	20,3	30,6	14,4	14,3
	M	13,7	20,9	6,2	19,4	16,2	24,3	8,4	21,3	21,0	35,7	15,6	18,4

Quadro 4: Taxa de transição trimestral por grupo etário, em 2005, 2008 e 2013

		2005				2008				2013			
		EMPREGO-NEEF	ESCOLA-NEEF	NEEF-EMPREGO	NEEF-ESCOLA	EMPREGO-NEEF	ESCOLA-NEEF	NEEF-EMPREGO	NEEF-ESCOLA	EMPREGO-NEEF	ESCOLA-NEEF	NEEF-EMPREGO	NEEF-ESCOLA
		%											
15-24 anos		3,2	2,8	15,7	9,1	4,5	2,7	19,7	9,0	8,0	5,0	17,7	17,9
15-19 anos		4,1	2,4	13,8	11,8	6,8	1,7	17,5	11,7	9,1	3,4	13,1	26,6
20-24 anos		3,0	3,6	16,9	7,5	4,0	4,7	21,0	7,5	7,8	7,6	19,3	14,5
25-34 anos		2,1	5,5	12,1	2,7	1,8	4,4	13,9	3,3	4,0	9,4	17,1	10,8
25-29 anos		2,4	5,4	13,5	3,6	2,3	4,2	16,1	4,8	4,2	8,8	17,6	11,5
30-34 anos		1,8	6,0	10,6	1,8	1,4	4,7	11,6	1,7	3,9	10,1	16,8	10,0
15-34 anos		2,4	3,3	13,5	5,3	2,5	3,0	16,0	5,4	4,8	6,0	17,4	13,6

Quadro 5: Probabilidade de ser NEEF (15-34 anos), resultados das regressões Logit por ano (efeitos marginais)

	2005	2008	2013
Mulher	0,060*** (0,004)	0,071*** (0,004)	0,029*** (0,005)
Idade (anos)			
16	0,021*** (0,006)	0,016*** (0,005)	0,007* (0,004)
17	0,053*** (0,007)	0,035*** (0,006)	0,024*** (0,005)
18	0,072*** (0,008)	0,082*** (0,008)	0,089*** (0,008)
19	0,087*** (0,008)	0,110*** (0,009)	0,148*** (0,010)
20	0,099*** (0,009)	0,118*** (0,010)	0,170*** (0,011)
21	0,110*** (0,009)	0,123*** (0,010)	0,187*** (0,011)
22	0,124*** (0,010)	0,106*** (0,010)	0,215*** (0,012)
23	0,118*** (0,009)	0,141*** (0,010)	0,220*** (0,012)
24	0,111*** (0,009)	0,153*** (0,011)	0,237*** (0,014)
25	0,125*** (0,010)	0,154*** (0,011)	0,221*** (0,014)
26	0,126*** (0,010)	0,120*** (0,010)	0,223*** (0,013)
27	0,115*** (0,010)	0,150*** (0,011)	0,224*** (0,013)
28	0,113*** (0,009)	0,129*** (0,010)	0,219*** (0,014)
29	0,126*** (0,009)	0,149*** (0,012)	0,190*** (0,013)
30	0,101*** (0,009)	0,108*** (0,010)	0,211*** (0,013)
31	0,102*** (0,009)	0,112*** (0,010)	0,218*** (0,014)
32	0,089*** (0,009)	0,121*** (0,010)	0,185*** (0,013)
33	0,099*** (0,009)	0,115*** (0,010)	0,180*** (0,013)
34	0,086*** (0,009)	0,111*** (0,009)	0,188*** (0,012)
Básico - 3º ciclo	0,040*** (0,006)	0,052*** (0,007)	0,077*** (0,008)
Secundário e pós-secundário	-0,031*** (0,006)	-0,023*** (0,006)	-0,006 (0,007)
Vive com os pais	0,029*** (0,006)	0,012* (0,007)	0,047*** (0,009)
Família monoparental	0,032*** (0,006)	0,050*** (0,007)	0,032*** (0,007)
Casado	0,019*** (0,007)	0,007 (0,007)	0,005 (0,009)
Desempregados na família	0,079*** (0,007)	0,065*** (0,008)	0,074*** (0,007)
Escolaridade média da família (anos)	-0,010*** (0,001)	-0,005*** (0,001)	-0,009*** (0,001)
Norte	-0,010** (0,005)	0,010* (0,006)	-0,013* (0,007)
Centro	-0,032*** (0,006)	-0,013* (0,007)	-0,034*** (0,008)
Alentejo	0,003 (0,007)	0,020*** (0,008)	0,013 (0,009)
Algarve	-0,003 (0,007)	0,031*** (0,008)	0,022** (0,009)
Região Autónoma dos Açores	0,016** (0,007)	0,029*** (0,007)	0,047*** (0,009)
Região Autónoma da Madeira	-0,013** (0,007)	0,028*** (0,007)	0,032*** (0,009)
n (amostra)	46.906	38.064	32.107
N (população)	2.969.036	2.848.746	2.484.210
F statistic	41,07	33,66	39,84

Notas:* $p < 0.10$; ** $p < 0.05$; *** $p < 0.01$. Regressão ponderada.Nas variáveis explicativas foram incluídas também *dummies* para os trimestres.

Quadro 6: Probabilidade de ser NEEF (15-24 anos), resultados das regressões Logit por ano (efeitos marginais)

	2005	2008	2013
Mulher	0,012** (0,005)	0,018*** (0,005)	-0,009 (0,006)
Idade (anos)			
16	0,024*** (0,007)	0,021*** (0,006)	0,008 (0,005)
17	0,062*** (0,008)	0,043*** (0,007)	0,031*** (0,006)
18	0,078*** (0,009)	0,093*** (0,009)	0,104*** (0,010)
19	0,090*** (0,009)	0,119*** (0,010)	0,160*** (0,011)
20	0,097*** (0,009)	0,121*** (0,010)	0,173*** (0,011)
21	0,101*** (0,009)	0,119*** (0,010)	0,188*** (0,012)
22	0,099*** (0,010)	0,091*** (0,009)	0,210*** (0,013)
23	0,084*** (0,009)	0,114*** (0,010)	0,209*** (0,013)
24	0,066*** (0,009)	0,109*** (0,010)	0,211*** (0,014)
Básico - 3º ciclo	-0,151*** (0,021)	-0,104*** (0,019)	0,006 (0,013)
Secundário e pós-secundário	-0,193*** (0,021)	-0,148*** (0,018)	-0,023** (0,011)
Vive com os pais	0,024*** (0,008)	-0,000 (0,010)	0,015 (0,012)
Família monoparental	0,027*** (0,007)	0,038*** (0,008)	0,037*** (0,008)
Casado	0,133*** (0,016)	0,079*** (0,016)	0,087*** (0,019)
Desempregados na família	0,074*** (0,008)	0,053*** (0,009)	0,050*** (0,008)
Escolaridade média da família (anos)	-0,015*** (0,001)	-0,010*** (0,001)	-0,014*** (0,001)
Norte	-0,008 (0,007)	-0,023*** (0,007)	-0,015* (0,009)
Centro	-0,020** (0,008)	-0,038*** (0,009)	-0,051*** (0,009)
Alentejo	0,019** (0,009)	-0,005 (0,010)	0,002 (0,011)
Algarve	-0,000 (0,010)	0,018 (0,011)	-0,007 (0,011)
Região Autónoma dos Açores	0,016* (0,009)	0,018* (0,009)	0,033*** (0,012)
Região Autónoma da Madeira	-0,014* (0,008)	0,006 (0,010)	0,046*** (0,011)
n (amostra)	24.224	19.990	17.054
N (população)	1.312.812	1.221.283	1.095.033
F statistic	43,42	36,60	43,43

Notas:

* $p < 0.10$; ** $p < 0.05$; *** $p < 0.01$. Regressão ponderada.

Nas variáveis explicativas foram incluídas também *dummies* para os trimestres.

Quadro 7: Probabilidade de ser NEEF (25-34 anos), resultados das regressões Logit por ano (efeitos marginais)

	2005	2008	2013
Mulher	0,098*** (0,005)	0,110*** (0,006)	0,061*** (0,008)
Idade (anos)			
26	0,003 (0,012)	-0,030** (0,014)	0,006 (0,017)
27	-0,003 (0,012)	-0,001 (0,014)	0,010 (0,017)
28	0,000 (0,012)	-0,017 (0,014)	0,008 (0,018)
29	0,015 (0,012)	0,006 (0,015)	-0,018 (0,017)
30	-0,005 (0,012)	-0,032** (0,014)	0,006 (0,018)
31	-0,003 (0,012)	-0,027* (0,014)	0,014 (0,018)
32	-0,016 (0,012)	-0,015 (0,015)	-0,014 (0,018)
33	-0,005 (0,012)	-0,021 (0,014)	-0,018 (0,018)
34	-0,018 (0,012)	-0,024* (0,014)	-0,008 (0,017)
Básico - 3º ciclo	0,093*** (0,007)	0,097*** (0,008)	0,122*** (0,011)
Secundário e pós-secundário	0,004 (0,007)	0,007 (0,007)	0,000 (0,009)
Vive com os pais	0,029*** (0,009)	0,014 (0,010)	0,062*** (0,013)
Família monoparental	0,033*** (0,010)	0,054*** (0,011)	0,022* (0,012)
Casado	-0,022*** (0,008)	-0,023** (0,009)	-0,023* (0,012)
Desempregados na família	0,076*** (0,011)	0,071*** (0,012)	0,093*** (0,011)
Escolaridade média da família (anos)	-0,005*** (0,001)	-0,001 (0,001)	-0,005*** (0,001)
Norte	-0,013* (0,007)	0,029*** (0,008)	-0,015 (0,011)
Centro	-0,042*** (0,008)	0,001 (0,010)	-0,024* (0,012)
Alentejo	-0,009 (0,010)	0,032*** (0,011)	0,020 (0,014)
Algarve	-0,005 (0,010)	0,032*** (0,011)	0,044*** (0,014)
Região Autónoma dos Açores	0,012 (0,010)	0,026** (0,010)	0,056*** (0,014)
Região Autónoma da Madeira	-0,012 (0,010)	0,033*** (0,010)	0,015 (0,013)
n (amostra)	22.682	18.074	15.053
N (população)	1.656.224	1.627.463	1.389.177
F statistic	30,04	24,92	22,45

Notas:

* $p < 0.10$; ** $p < 0.05$; *** $p < 0.01$. Regressão ponderada.

Nas variáveis explicativas foram incluídas também *dummies* para os trimestres.